

O CANTO DO SICILIANO POR D. PEDRO II: ANÁLISE DO PROCESSO CRIATIVO

Adriano Mafra¹

Munique Helena Schrull²

Resumo

O presente estudo objetiva a análise da tradução do poema *The Sicilian's tale: King Robert of Sicily*, proposta por D. Pedro II, notável personagem histórico do Brasil. Busca-se suporte na Crítica Genética com a finalidade de reconstituir os percursos de criação do tradutor. O *corpus* da pesquisa, até o momento, constitui-se de manuscritos da tradução, bem como outros documentos que possam dar indícios do processo criativo de D. Pedro II, como cartas e anotações expressas em seu diário pessoal.

Palavras chave: D. Pedro II. Crítica Genética. O Canto do Siciliano: El Rei Roberto da Sicília.

Résumé

Cette recherche porte sur l'analyse de la traduction du poème *The Sicilian's tale: King Robert of Sicily*, réalisée par D. Pedro II. Pour accéder aux parcours créatifs du traducteur, nous recourons aux postulats de la Critique Génétique. Le corpus d'analyse est constitué, d'une part, des manuscrits de la traduction, d'autre part, de tous les documents pouvant apporter des indices sur le processus de composition de D. Pedro II, à savoir: des lettres, des notes et son agenda personnel.

Mots-clés: D. Pedro II. Critique Génétique. *O Canto do Siciliano*: El-Rei Roberto da Sicília.

Introdução

As influências de D. Pedro II, imperador do Brasil no período de 1840 até 1889, não se limitavam somente à política. Amante das Letras, D. Pedro II relacionava-se com Gonçalves Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves Dias, Carlos Gomes, entre outros expoentes ligados

¹ PGET/UFSC

² PGET/UFSC

às artes em geral. Ainda muito jovem, exercia a diplomacia ao corresponder-se com o ministro britânico H. F. Fox, atestando o seu conhecimento em inglês e revelando a sua inclinação para o estudo de línguas. De acordo com as pesquisas historiográficas, aos doze anos D. Pedro II já vertia textos daquele idioma para o português, além de falar e escrever em francês. Os registros também apontam o conhecimento de hebraico, grego, árabe, latim, italiano, espanhol, alemão, etc. Tal conhecimento não se restringia somente a fala: D. Pedro II traduziu diversos textos de vários idiomas, além de anotar em seu diário pessoal as comparações que costumeiramente realizava de traduções da mesma obra, principalmente àquelas realizadas em outras línguas. O imperador traduziu poetas que admirava: Victor Hugo, Leconte de Lisle, John Whittier, Alessandro Manzoni e Henry Longfellow. Deste último, traduziu o poema *The Sicilian's Tale: King Robert of Sicily*, texto utilizado como o *corpus* para análise. Longfellow não hesitou em valorizar o trabalho do monarca. Em carta destinada ao imperador, Longfellow considera a tradução de D. Pedro muito fiel e bem-sucedida. Além disso, acredita que as rimas duplas foram capazes de dar uma nova graça à narrativa³. Para o historiador José Murilo de Carvalho⁴ (2007), essas correspondências reforçam a ideia de que poucos chefes de estado do seu tempo tinham cultura tão sólida.

As cartas de D. Pedro II fazem parte de uma coletânea de documentos que pertenciam à Família Real e encontram-se arquivadas no Museu Imperial de Petrópolis. O acervo conta ainda com diários pessoais, rascunhos de ofícios e discursos de diferentes épocas. Além do valor histórico incalculável, tais documentos passaram a ser objeto de estudo em pesquisas não só historiográficas, mas também tradutológicas, já que é possível reconstruir os percursos de criação do tradutor a partir de vestígios por ele deixados durante o seu processo de escritura (rasuras, acréscimos, substituições, correções, etc.). Neste contexto, buscando bases metodológicas nos Estudos Descritivos da Tradução e na Crítica Genética, procura-se, na continuação deste projeto, delimitar o processo criativo de D. Pedro II enquanto tradutor com base nos manuscritos da tradução do poema de Longfellow. A escolha por esta corrente teórica e metodológica justifica-se pelo

³ *The translation is very faithful and very successful. The double rhymes give a new grace to the narrative – Maço 135 – Doc 6607 [D01 P01]/[D01 P02].*

⁴ CARVALHO, José Murilo. *D. Pedro II: Ser ou não Ser*. In: GASPARI, Elio; SCHWARCZ, Lilia M. (Coords.) São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

simples fato de ambas contemplarem em sua essência o processo em detrimento do produto final. A Crítica Genética possibilita verificar, através de elementos que possivelmente desaparecem nas obras entregues ao público (rasuras, anotações, desenhos), o processo de criação do tradutor.

1 A Crítica genética: gênese e horizontes

O surgimento dos estudos genéticos se dá na França, em 1968, a partir de um grupo de pesquisadores germanistas responsáveis por organizar, explorar e editar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine, adquiridos pela Biblioteca Nacional. O grupo criado no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) e liderado por Louis Hay se depara com problemas metodológicos ao lidar com aqueles manuscritos, necessitando de uma sistematização do seu método de trabalho, buscando torná-lo o mais científico possível. Nasce então a Crítica Genética como abordagem que se ocupa do estudo dos manuscritos, tentando recuperar e delinear o processo de criação.

No Brasil, a Crítica Genética é introduzida pelo professor Philippe Willemart, organizador do I Colóquio de Crítica Textual: O Manuscrito Moderno e as Edições (USP - 1985). Esse colóquio abre novas perspectivas de trabalho para os inúmeros pesquisadores que já haviam se defrontado com manuscritos, porém sem rumo metodológico para seguir. No mesmo encontro foi fundada a Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, responsável pela criação da Revista *Manuscritica* a partir de 1990. Neste período, a Crítica Genética passa por um momento de expansão de fronteiras, abrindo espaço para uma ação transdisciplinar com uma única finalidade: desvendar os percursos de criação da obra de arte, revelar os bastidores que culminam no produto final entregue ao público.

Para Cecília Salles⁵ (2000), a Crítica Genética aparece com o desejo de compreender melhor o processo de criação artística a partir dos registros deixados pelo artista nos meandros de sua produção. As pesquisas dedicam-se ao acompanhamento teórico-crítico do processo da gênese das obras de arte, porém a Crítica Genética não é capaz de revelar todo o processo de criação, apenas uma parcela. No entanto, uma análise minuciosa da materialidade desse processo nos permite conhecê-lo melhor. Não se pretende encontrar fórmulas explicativas para

⁵ SALLES, Cecilia Almeida. *Crítica Genética: uma (nova) introdução. Fundamentos dos Estudos Genéticos sobre o Processo de Criação Artística*. São Paulo: EDUC, 2000.

este fenômeno de grande complexidade, mas procura-se uma aproximação, por diferentes ângulos, deste processo responsável pela geração de uma obra de arte.

A Crítica Genética parte do princípio de que o texto definitivo de uma obra literária é resultante de uma cadeia de elaboração progressiva, de transformações ocorridas durante um período produtivo, em que o autor se lança em pesquisas de documentos, à redação do texto e a inúmeras correções. Os estudos genéticos, portanto, atêm-se nessa dimensão temporal do texto em formação, acreditando que a obra final, mesmo assegurada por uma eventual perfeição, não é capaz de demonstrar todos os elementos de sua gênese. No entanto, para se transformar em um objeto de estudo, a gênese da obra precisa imprimir marcas de sua produção. Em busca desses vestígios, o geneticista se propõe a traçar um mapa dos caminhos percorridos pelo autor no decorrer de seu trabalho de criação, ou seja, os critérios que regem as opções com as quais o escritor se depara ao longo de sua criação, desde a simples eliminação de uma vírgula até a substituição de palavras.

Para Biasi, citado por Salles (2000), ao lado do texto, e antes dele, pode haver um conjunto mais ou menos desenvolvido de “documentos de redação”, produzidos, reunidos e preservados pelo autor. Tais documentos, por convenção, passaram a se denominar *manuscritos* da obra, podendo variar em quantidade e em tipo, de acordo com a época, o autor e a obra. Entretanto, a Crítica Genética, com seu caráter transdisciplinar, contempla outras manifestações artísticas além da literatura: cinema, arquitetura, teatro, música, entre outras. Por isso, Salles (2000) acredita que o termo *documentos em processo*⁶ é capaz de abarcar, em sua totalidade, a diversidade das linguagens estéticas.

O objeto de estudo da Crítica Genética é, portanto, um objeto móvel, um produto em criação que evidencia o caminho trilhado pelo artista para chegar ao produto final, contrário às pesquisas que focalizam apenas a obra acabada. Para revelar esse caminho, o geneticista buscou um suporte metodológico para o estudo dos manuscritos, de modo a constituir um melhor entendimento desse percurso. Os segredos guardados em rasuras, margens repletas de escrituras, imagens, rabiscos, anotações aparentemente caóticas podem remontar ao ato criativo do autor, revelar o homem dividido em autor-*scriptor* e autor-leitor que a cada nova leitura refaz o seu

⁶ Para Salles (2000), todos os documentos (esboços, ensaios, partituras, manuscritos literários, etc.), independentemente de sua materialidade, contêm sempre a ideia de registro. Os documentos de processo, desse modo, são todos os registros materiais do processo criador.

texto, como bem pontua Willemart⁷ (1993). E essa releitura desenvolve o senso crítico do autor, proporcionando um afastamento de seu produto e possibilitando um olhar *de fora* da sua própria obra. Além disso, os registros não necessariamente são feitos no código linguístico em que a obra será veiculada, o que pode configurar uma tradução intersemiótica.

1.1 Delimitando o prototexto

Inicialmente, para o presente estudo, foram selecionados como prototexto os seguintes documentos:

a) Fac-símile de oito páginas da tradução do poema *The Sicilian's Tale: King Robert of Sicily*;

b) Diário do Imperador D. Pedro II, digitalizado e editado em 1956 pelo Departamento de Imprensa Nacional do Rio de Janeiro;

c) Correspondências trocadas entre D. Pedro II e Henry Longfellow, publicadas no volume *O imperador do Brasil e os seus amigos da Nova Inglaterra* (1952).

Importante ressaltar que a pesquisa em questão, ainda em caráter experimental, buscará em visitas futuras ao Museu Imperial de Petrópolis e ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro outras fontes documentais para complementar o prototexto, como por exemplo, versões anteriores da tradução do mesmo poema de Longfellow.

2. A amizade entre Pedro D'alcântara e Henry Longfellow

O primeiro encontro de D. Pedro e Henry Longfellow (1807 – 1882) se deu em solo norte-americano em 1876, em decorrência da segunda viagem do imperador ao exterior. A amizade entre eles, no entanto, começou a se consolidar no final da década de 1850, graças ao empenho do Reverendo James Cooley Fletcher. Após um período de missões no Brasil, Fletcher fixou residência em Massachusetts, centro da vida intelectual americana da época graças ao prestígio da Universidade de Harvard. Lá aproximou D. Pedro de um seleto grupo de intelectuais: os poetas Henry Longfellow, John Whittier e o naturalista Louis Agassiz. Este último trocou correspondências com o monarca durante dez anos e esteve no Brasil à frente de uma expedição científica entre os anos de 1865 e 1866.

⁷ WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993.

O naturalista suíço, maior incentivador da viagem de D. Pedro II aos Estados Unidos, na época um jovem país republicano, previu uma “marcha triunfal de um extremo a outro do país” com a presença do soberano (cf. CARVALHO, 2007; GUIMARÃES, 1961). Entretanto, Agassiz faleceu em 1873, três anos antes da visita do ilustre amigo em território ianque.

Zarpando do Rio de Janeiro, alguns passageiros, em suma americanos, viajaram a bordo do vapor *Hevelius* em companhia da comitiva imperial sob o comando do capitão Markwell. Além deles, o repórter do jornal *New York Herald*, James O’Kelly, fez a cobertura da viagem desde o embarque no Rio, agraciando os leitores daquele periódico com as mais variadas crônicas do seu convívio com a Casa Imperial Brasileira. A imagem do soberano cede lugar à do cidadão comum, avesso as suntuosidades e rituais maçantes inerentes ao cargo que ocupava. Durante o período em alto mar, desenvolveu-se entre os dois uma relação de profunda amizade, confiança e respeito. Nas muitas conversas a bordo do *Hevelius*, o jornalista registra a ansiedade do imperador em conhecer americanos ilustres e a recusa às formalidades ou recepções oficiais: “E Longfellow, onde está? Tive pena que ele não aceitasse escrever a Ode do Centenário” (GUIMARÃES, 1961, p. 107)⁸. E continua mais adiante: “[Longfellow] tem-me escrito algumas vezes. Traduzi alguns dos seus poemas em português e enviei-lhe. Procurei também interessá-lo na tradução dos *Lusíadas*. Poderia fazê-la, que eu saiba, melhor do que ninguém” (ibid).

D. Pedro II aportou em Nova Iorque em 15 de abril de 1876. Antes mesmo de pisar em terra firme, pergunta por Longfellow e pelo General William T. Sherman, notável por comandar com sucesso as tropas sulistas na Guerra Civil americana. Para a frustração geral das autoridades presentes, D. Pedro dispensou as pompas cerimoniais, explicando que o imperador ficara no Brasil e que ali estava apenas o viajante Pedro d’Alcântara. Ocupou os dias nos Estados Unidos com visitas a escolas, museus, academias militares, fábricas, sinagogas, igrejas, delegacias de polícia, instituições governamentais e bibliotecas; fazendo uma verdadeira corrida aos quatro cantos do continente americano. As rápidas paradas serviam para satisfazer a sua curiosidade sobre o funcionamento e organização dos estabelecimentos, com a intenção de trazer de lá tudo o que pudesse contribuir para

⁸ GUIMARÃES, Argeu. *D. Pedro II Nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1961.

o progresso do império. James O’Kelly, aproveitando a popularidade do monarca em seu país, não poupou críticas ao governo: “quando voltar a pátria, saberá mais dos Estados Unidos do que dois terços do Congresso” (ibid).

Outro interesse de D. Pedro era visitar a Exposição Universal em comemoração ao centenário da independência americana, realizada em Filadélfia no dia 10 de maio. A inauguração da exposição contou com a presença do então presidente Ulysses Grant e do imperador, terminando no pavilhão de máquinas onde juntos acionaram a *Corliss Steam Engine*, fornecendo energia para 8 mil equipamentos da exposição. No dia seguinte, D. Pedro jantaria na casa do ministro inglês Edward Thornton, registrando em seu diário o pesar pelo não comparecimento do poeta Longfellow na ocasião. O encontro dos dois ficaria adiado por mais um mês, de acordo com as anotações no mesmo diário:

9 de junho de 1876

Estava almoçando quando chegou Agassiz filho com quem muito simpatizei. Ficou combinada a ida a Cambridge — amanhã. Passo lá todo o dia. Almoço com os Agassiz e janto com Longfellow.

Autor de *Evangeline* e tradutor da *Divina Comédia*, Longfellow estava à espera do monarca. Chegado o grande dia, 10 de junho, D. Pedro enfim encontrou-se com o poeta: “Jantei com Longfellow. [...] Longfellow deu-me dois livros de sua livraria e depois do jantar passeamos bastante na varanda do lado da casa fazendo-me ele bastantes perguntas sobre o Brasil”. Na hora de partir, segundo Guimarães (1961), D. Pedro teria convidado o velho amigo a visitar o Brasil. Longfellow teria prometido e relatou no dia seguinte em seu diário o quanto estimaria poder corresponder ao convite de Sua Majestade, porém a idade avançada não lhe permitiria tal aventura. Viu no soberano a encarnação da mocidade eterna e um ousado *Harum-al-Rachid* dando a volta ao mundo disfarçado em peregrino.

2.1 O Canto do Siciliano

Em 1864, D. Pedro havia feito a tradução do poema *The Sicilian’s Tale: King Robert of Sicily*, sob o título *O Canto do Siciliano: El-Rei Roberto da Sicília*. Presenteou Longfellow com sua tradução, que não poupou elogios e satisfação em recebê-la. *The Sicilian’s Tale* foi publicado em *Tales of a Wayside Inn* (1863), edição que reúne uma coletânea de textos contados em uma taverna em Sudbury,

Massachusetts. Narra a saga do Rei Roberto da Sicília, que em vésperas de São João, ouvia os monges entoarem em latim a frase *Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles*. Sem entender aquela mensagem, indaga a um padre que está ao seu lado que lhe dá a tradução: “Eu aos humildes exalto e aos arrogantes humilho”. Entediado e no auge de seu orgulho, afirma que esta regra só se aplica a Igreja, já que ninguém poderá tirá-lo de seu trono. Adormece com a monotonia do canto dos monges e acorda em noite escura, sozinho dentro da igreja e privado de suas galas. Percorre as galerias em meio à escuridão, esbraveja até deparar-se com um grande banquete e, para a sua surpresa, encontra seu trono ocupado por outro rei, um impostor com suas feições, porém com traços angelicais.

Roberto havia se tornado um bobo-da-corte e o Anjo agora ocupava o seu trono: vestido como Roberto e fisicamente igual ao rei deposto, o impostor era aceito pelos súditos. Roberto é zombado, privado de seu conforto, se alimenta de restos de comida e tinha como única companhia um macaco, porém mantém-se impassível, arrogante e desafiador durante três anos. Neste período, o Papa Urbano solicita a presença dos irmãos Roberto e Valmundo, imperador Alemão, para as comemorações da Semana Santa. Lá, na presença do Anjo e dos irmãos, Roberto se diz rei e é denunciado como louco. Passado o domingo de Páscoa, Roberto é chamado pelo Anjo, e a sós, reconhece seus erros: *Minhas culpas enormes só n’algum convento, Schola de contricção, as lava o arrependimento*. O Anjo então sorri, afirma não ser rei, revelando a sua real identidade. Ouve-se novamente o cântico dos monges vindo da capela. Roberto agora se encontra sozinho, vestido com os trajes suntuosos de outrora. A sala é invadida pelos súditos, que o encontram de joelhos *absorto em tácita oração*.

Considerações Finais

El-Rei Roberto em pé, junto do throno estava;
Ergue os olhos e vê – que só ali se achava;
Mas ornado de galas, como antigamente,
Manto d’arminho, e trajes d’ouro reluzente.

D. Pedro II

A atividade intelectual de Pedro d’Alcântara, normalmente relegada nos livros de história e nas várias biografias do monarca, começa a ganhar visibilidade em

pesquisas recentes⁹. D. Pedro II, último imperador do Brasil, esteve no poder por quase meio século e desenvolvia, paralelamente, atividades de ordem literária. Convenientemente, a posição de estadista permitiu também que D. Pedro II se lançasse em projetos relacionados à promoção da cultura e educação do império: criou e coordenou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundou Escolas Normais, Liceus de Artes e Ofícios, museus e bibliotecas, além de manter bolsas de estudos com recursos próprios.

Órfão de mãe e abandonado pelo pai ainda na tenra idade, D. Pedro encontrou nos livros e na rotina de estudos uma espécie de porto seguro, um alento capaz de abrandar os momentos mais difíceis e decisivos de sua vida. Desde muito cedo, demonstrava grande inclinação para o estudo de línguas, apresentando proficiência em francês, inglês e outras línguas clássicas. Transitou em meio aos grandes intelectuais do século XIX, correspondendo-se com Henry Longfellow, Alessandro Manzoni, Alexandre Herculano, James Fletcher, Louis Agassiz, entre outros. De maneira despretensiosa, traduziu os escritores que mais admirava, estreitando os laços de amizade entre eles. É o caso do poeta norte-americano Henry Longfellow, com quem o imperador trocou correspondências por longos anos até conhecê-lo pessoalmente em 1876, época de sua segunda viagem ao exterior. Alguns anos antes, D. Pedro traduziu o poema *The Sicilian's tale: King Robert of Sicily*, recebendo os cumprimentos de Longfellow por sua iniciativa tão bem sucedida.

O Canto do Siciliano: El-Rei Roberto da Sicília foi publicado pela primeira vez em 1889 em uma edição organizada pelos netos do imperador. Os manuscritos da referida obra encontram-se arquivados no Museu Imperial de Petrópolis e constituem parte do prototexto apresentado neste estudo. Tais documentos estão livres de qualquer vestígio de reescritura, o que inicialmente impossibilita uma análise consistente dos caminhos percorridos por D. Pedro durante seu ato de criação. Preliminarmente, foi feita a transcrição linear dos manuscritos como forma de facilitar a consulta do material disponível. Além disso, o próprio diário do imperador e algumas cartas foram agregadas ao prototexto, já que evidenciam de certa maneira a íntima relação de amizade entre D. Pedro e seu interlocutor, o poeta

⁹ Entre as pesquisas, citamos SOUZA, Rosane. *A gênese de um processo tradutório: As Mil e uma noites* de D. Pedro II. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis, 2010.

traduzido. A etapa seguinte se constituirá da busca de outras fontes documentais junto ao Arquivo Histórico do Museu Imperial e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, visando um estudo que possa definir, além dos processos de reelaboração do texto, o perfil de tradutor do monarca D. Pedro II.